

## DISCURSO DE POSSE NA ABRAMES

**Elie Cheniaux**

Bom dia a todos! Em primeiro lugar, eu gostaria de saudar a presidente da ABRAMES, a acadêmica Fátima Darcinete, os demais membros da diretoria, os demais confrades e congreiras e convidados.

É como grande honra e satisfação que tomo posse como membro titular da Academia Brasileira de Médicos Escritores. Eu gostaria de agradecer imensamente à dra. Jeannine Sester, minha madrinha na SOBRAMES do Rio de Janeiro, e aos imortais da ABRAMES que me acolheram, particularmente os acadêmicos Denise Espiúca Monteiro e Jorge Alberto Costa e Silva, que incentivaram e apoiaram a minha candidatura.

Agradeço ainda o acadêmico Fábio Daflon por ter se disponibilizado a fazer a minha apresentação e por suas palavras elogiosas e gentis ao meu respeito. (Escrevi isto ontem, sem saber se as palavras dele seriam mesmo elogiosas e gentis, mas felizmente foram.)

Agradeço também as muitas felicitações que recebi de familiares, amigos, colegas e alunos. “Supermerecido” foi a palavra que mais ouvi ou li nos últimos dias. Todavia, quando falam em merecimento, sempre me lembro de uma frase de *Hamlet*. Em determinado momento na tragédia de William Shakespeare, o personagem-título diz, com total propriedade, penso eu, que, se cada um recebesse o que merece, ninguém escaparia do açoite. Assim, não sei se mereço a enorme honra de pertencer a ABRAMES, porém acredito que toda conquista alcançada com esforço, talento e, o que não pode faltar, honestidade deve ser exaltada e comemorada.

Assumo a cadeira número 30, que é eminentemente mineira, visto que tanto o seu patrono, João Guimarães Rosa, como o fundador Júlio Arantes Sanderson de Queiroz e o imortal que o sucedeu e me precede, Ronaldo Vieira de Aguiar, nasceram em Minas Gerais. Hoje, quebrando a tradição, assume um carioca de Copacabana, nascido em Niterói. Nos últimos anos, com grande frequência tenho sido convidado para participar de eventos de psiquiatria em Minas, onde sou sempre muito bem-recebido. Assim, como fala o meu amigo Humberto Correa, professor titular de psiquiatria da Universidade Federal de Minas Gerais e grande admirador de Guimarães Rosa, já estou me tornando mineiro.

Cumpra a mim homenagear e saudar os mineiros da cadeira 30, fazendo aqui um breve resumo de suas trajetórias como médicos e como escritores.

Começo pelo patrono, João Guimarães Rosa, que nasceu em Cordisburgo (MG), em 27 de junho de 1908. Ele se graduou pela Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, atual Universidade Federal de Minas Gerais, em 1930. Logo em seguida, iniciou suas atividades como médico em Itaguara, na região metropolitana de Belo Horizonte

Todavia, em 1934, após aprovação em segundo lugar em concurso para o Itamaraty, abandonou a medicina e entrou para a carreira diplomática, Entre 1938 e 1942, foi cônsul adjunto do Brasil em Hamburgo, na Alemanha. Lá, conheceu sua segunda esposa, Aracy de Carvalho, também funcionária do Itamaraty. Durante a Segunda Guerra Mundial, ela, como chefe da seção de passaportes, facilitou enormemente a concessão de vistos para judeus,

possibilitando que centenas deles viessem para o Brasil e, assim, escapassem da morte nos campos de concentração do regime nazista.

Guimarães Rosa debutou na literatura em 1929, publicando na revista *O Cruzeiro* um conto chamado *O mistério de Highmore Hall*. Em 1936, recebeu o Prêmio *Academia Brasileira de Letras* por uma coletânea de poemas chamada *Magma*, só publicada postumamente. Além de contista e poeta, foi romancista e romancista. *Grande Sertão: Veredas*, um romance de 1956, é sem dúvida a sua obra mais importante.

Em 1961, Guimarães Rosa recebeu o prêmio *Machado de Assis* da Academia Brasileira de Letras pelo conjunto de sua obra. Em 6 de agosto de 1963, em sua segunda candidatura a membro da ABL, foi eleito por unanimidade. Adiou o quanto pôde a sua posse, pois, por ser cardiopata, temia que a emoção da cerimônia causasse a sua morte. Só assumiu a cadeira de número 2 em 16 de novembro de 1967, ironicamente falecendo três dias depois, no Rio de Janeiro, de infarto do miocárdio. Tinha apenas 59 anos de idade.

As obras de Guimarães Rosa, em sua maioria, ambientam-se no sertão brasileiro. O seu texto destaca-se, sobretudo, pelas inovações de linguagem. Ele é considerado por muitos o maior escritor brasileiro do século XX e um dos maiores de todos os tempos do nosso país.

Júlio Arantes Sanderson de Queiroz, um dos fundadores e ex-presidente da ABRAMES e primeiro ocupante da cadeira 30, nasceu em 30 de março de 1914, em Aiuruoca, pequena cidade do interior de Minas Gerais.

Ele se graduou em 1937 pela Faculdade Nacional de Medicina, na Praia Vermelha, atual Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio

de Janeiro. Em 1957, passou a chefiar a 3ª Clínica Cirúrgica do Hospital Universitário Pedro Ernesto, como Professor Titular do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Por vários anos, foi cirurgião do Hospital do Andaraí.

Recebeu o título de membro emérito do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e foi membro fundador da Sociedade Brasileira de História da Medicina. Em 1996, tornou-se membro honorário da Academia Nacional de Medicina.

Publicou diversos trabalhos, especialmente nas áreas de cirurgia e ética médica, e livros, incluindo biografias, ensaios e crônicas.

Faleceu em 29 de julho de 2002, aos 88 anos, em sua cidade-natal. Posteriormente, o Hospital Municipal do Andaraí, o auditório nobre do CREMERJ e o hospital da cidade de Aiuruoca receberam o seu nome. Em 2009, a sua casa em Aiuruoca foi transformada em um museu municipal.

Ronaldo Vieira de Aguiar, o segundo ocupante da cadeira 30, nasceu em 28 de junho de 1937, em Belo Horizonte (MG). Formou-se em medicina, em 1962, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mais tarde, especializou-se em alergia e imunologia, na PUC do Rio de Janeiro.

É membro das Sociedades Mineira e Brasileira de Alergia e Imunopatologia. Fora da área médica, pertence à Academia de Letras do Brasil e foi presidente da Arcádia de Minas Gerais, instituição, fundada em 1992, que tem por finalidade promover a valorização da língua portuguesa e da cultura mineira.

Recebeu diversos prêmios em concursos literários e teve contos e poemas publicados em algumas antologias. Um de seus livros, *Vertentes do Grande Sertão: Veredas*, de 2017, é formado por poemas inspirados na famosa obra do patrono da cadeira 30.

Neste ano de 2023, generosamente se tornou emérito, abrindo assim uma vaga na ABRAMES.

Eu não poderia deixar de homenagear ainda o prof. Miguel Chalub, meu querido ex-professor na UERJ e na UFRJ e depois meu colega na UERJ, falecido durante a pandemia. Ele foi uma das pessoas mais generosas que encontrei pela vida e sempre será o meu grande ídolo na psiquiatria. Nunca se tornou membro da ABRAMES, mas certamente merecia estar aqui. ('Tá bom, ele é a exceção quanto à história do açoite.) Grande orador e dono de uma cultura invejável, ele se intitulava "cultor da língua". E, de fato, era profundo conhecedor da língua portuguesa. Sou imensamente grato a ele por sua amizade e por ter me ensinado tanto não apenas sobre psicopatologia e psiquiatria, mas também sobre o uso adequado do nosso idioma no exercício da nossa especialidade. Graças a ele, sei, por exemplo, que "portador" é só de doença infectocontagiosa, que o certo é "cateter" e não "catéter", que SIC não é "segundo informações colhidas" e que a palavra "lentificado" simplesmente não existe.

Sinto-me obrigado a homenagear ainda outro amigo, este, felizmente, ainda batendo pernas por aí. Falo do grande jornalista e escritor Ruy Castro, como eu, torcedor do Flamengo e fã de bossa nova, do Woody Allen e do Nelson Rodrigues. Devo a ele duas grandes honras: contar com um texto dele na quarta capa de um livro de minha autoria e o convite para a sua posse na Academia Brasileira de Letras, em março deste ano.

Concluo falando um pouco sobre mim mesmo.

Ainda tenho o exemplar do primeiro livro que li na vida, *As letras falantes*, de Orígenes Lessa. O livro foi indicado pela escola onde fiz o primário, o Instituto Santa Filomena, de Copacabana; e o autor, que foi membro da Academia Brasileira de Letras, por coincidência fazia aniversário no mesmo dia que eu, 12 de julho, o que só vim a descobrir muito tempo depois.

Analisando em retrospecto a minha trajetória acadêmica, acredito que, pelo menos em parte, consegui sair do lugar-comum. Digo isso no sentido de que algumas das minhas atividades tiveram e têm aspectos atípicos, peculiares. Nesse sentido, dediquei-me à psicopatologia em um momento em que essa disciplina estava em baixa, voltei-me para as neurociências na contramão da maioria dos meus colegas psicanalistas e usei a arte para ensinar a psiquiatria, além de ter escolhido a carreira docente tendo a timidez como traço de personalidade. Tentei ser criativo, buscando conexões não tão óbvias, como as entre cinema e psiquiatria, arte e medicina, psicanálise e neurociência, literatura científica e literatura não científica, a biografia de um artista e a sua obra, e, mais recentemente, entre o transtorno bipolar e a criatividade. Segui esses caminhos não por querer ser diferente, mas porque eles me deram e dão prazer. Faço palestras, digamos, mais sérias, mostrando gráficos e números, no entanto confesso que prefiro exibir uma cena do filme *Hannah e suas irmãs*, de Woody Allen, para ilustrar o que é a hipocondria, ou falar sobre *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, para mostrar como é um delírio. Sem dúvida, em uma aula é essencial a transmissão de informações, porém, julgo eu, é de grande importância também que a experiência de ensino seja agradável e afetivamente significativa tanto para o professor como para os alunos. E, com o passar dos

anos, acabou-se o medo, e falar em público se transformou em uma grande satisfação para mim.

Recentemente dei-me conta de que o uso da arte nas minhas atividades acadêmicas tem um caráter de circularidade. Usar Machado de Assis, Nelson Rodrigues, Vincent van Gogh, Alfred Hitchcock e Woody Allen, entre outros, para ensinar psiquiatria me remete à minha adolescência, faz-me retornar aos meus antigos ídolos e suas obras, os quais foram justamente os inspiradores de minhas escolhas pela psicanálise, pela medicina e pela psiquiatria.

Diante disso, não vejo como um desvio de rota a minha incursão na literatura não científica. Até porque, em grande monta, foi a redação de trabalhos científicos que fez se desenvolver em mim a habilidade para a escrita de uma forma geral. Antes dos meus primeiros artigos sobre psiquiatria, eu não tinha por hábito escrever. Acredito que tenha sido a literatura científica que me ensinou a organizar o pensamento, escolher com precisão as palavras e redigir com clareza, sempre tendo em mente o leitor. E foram estes progressos que me encorajaram a me aventurar em outras áreas.

Quanto à ABRAMES, posso dizer que o meu sonho de me tornar membro, que agora se realiza, estava também relacionado a uma ideia de circularidade, de “atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência”, como disse Bentinho, o personagem-narrador de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Fazer parte de uma instituição tão inspiradora e prestigiosa quanto a ABRAMES irá sacramentar a amálgama de duas das minhas maiores paixões: a medicina, minha carreira profissional, e a literatura,

intenso interesse nascido na adolescência que me influenciou decisivamente na escolha da profissão.

Obrigado.